

SOBRE JOIAS CONFECCIONADAS COM DENTES HUMANOS

About Jewelry Made of Human Teeth

Pires, Beatriz Ferreira; Prof^a. Dr^a., EACH/USP, beatrizferreirapires@usp.br¹

Resumo:

Apesar da utilização de elementos remanescentes dos reinos animal e vegetal como matéria-prima para a feitura de adornos seja uma prática comum, a utilização de componentes pertencentes ao corpo humano não o é. Tendo como foco os dentes, o presente artigo discorrerá sobre a utilização destes elementos na confecção de joias, tanto realizadas em tempos remotos, como contemporaneamente.

Palavras-chave: Dentes humanos; adornos corporais; joias contemporâneas.

Abstract:

Although using elements from the animal and vegetal kingdoms as raw materials to make ornaments is a common practice, to use human remains or parts is not. Focusing on human teeth, this paper discusses the use of these elements to make jewelry. Jewelry made in ancient times, and in contemporary times.

Key Words: Human teeth; body ornaments, contemporary jewels.

Introdução

O fascínio do 'autêntico' consiste em que ele é, em todos os sentidos, mais do que a sua imediata aparência, que partilha com o falso. (Simmel, 2014, p.75)

Muitos são os adornos que, em sua feitura, utilizam como matéria-prima elementos orgânicos, remanescentes dos reinos animal e vegetal. Via de regra, com algumas exceções localizadas em determinados períodos históricos, elementos pertencentes ao corpo humano, que são comumente utilizados nas

¹Arquiteta, profa. do Curso de Têxtil e Moda da EACH/USP. Pós-Doutorado (FAPESP/2009): Centro Univ. SENAC/SP. Doutorado (FAPESP/2006): FE/UNICAMP. Mestrado (CNPq/2001): IA/UNICAMP. Livros: "O Corpo como Suporte da Arte". SENAC, 2005; "Corpo Inciso, Vazado, Transmudado - Inscrições e Temporalidades". Annablume/FAPESP, 2009.

formas de representação bi ou tri dimensionais, não fazem parte materialmente do rol de elementos elencados para a confecção destas peças.

Desta forma, embora, por exemplo, tecidos com estampa de crânios e joias com estas mesmas representações sejam abundantes, não é comum que os indumentos tragam em suas composições ossos reais.

O fato dos ossos - mais especificamente, o crânio e a tíbia -, dentre todos os componentes internos do corpo, serem os elementos que mais geram representações que são utilizadas na feitura de indumentos, com certeza, está diretamente associado ao aspecto seco, não viscoso, que eles possuem.

Ao visco cabe à sensação de pegajoso e a qualidade do líquido que não escoar, que adere, gruda, não flui. Ao visco cabe o estímulo que produz repulsa.

Embora similares aos ossos quanto à aparência, os dentes não possuem o mesmo prestígio em relação às representações. Talvez isso ocorra porque os dentes nem sempre evocam as mesmas imagens que são associadas aos ossos, de serem elementos limpos, sem nenhum rastro de sangue, de visco e sem adulterações.

De todo modo, utilizar elementos que pertencem ao interno do corpo como matéria-prima para confeccionar objetos que serão utilizados sobre ele implica em colocar em evidência aquilo que, naturalmente, permaneceria distante do olhar. Trazer estes elementos à cena suscita, na maioria dos observadores, sensações de estranhamento, desconforto e inquietação.

Tais sensações ao impelirem quem as sente a regiões até então ignoradas, desvendam novas possibilidades, novas formas de percepções e, conseqüentemente, de apreensão do corpo.

Da Estrutura dos Dentes

Localizados no interior do corpo humano, visíveis quando do sorriso, da risada, da fala ou de outras movimentações realizadas pela boca, os dentes são estruturas mineralizadas implantadas nos alvéolos dos maxilares superior e inferior, que realizam a mastigação e auxiliam a articulação dos sons e palavras (Houaiss, versão digital).

Estruturas mineralizadas apresentam em sua composição elementos não orgânicos de consistência dura. Tais elementos conferem aos dentes a qualidade de imperecibilidade.

Comum aos homens e à maioria dos animais, nos humanos a dentição ocorre duas vezes. A primeira, chamada de dente de leite, se dá entre o sexto e o oitavo mês de vida e se completa quando a criança tem por volta de dois anos e meio. Esta dentição é composta por vinte dentes. A segunda, denominada dentição permanente, ocorre durante um período mais longo. Ela tem início no sexto ano de vida e, devido ao dente do siso, pode se prolongar até os vinte e cinco anos. Quando completa é formada por 32 dentes, dispostos em dois arcos dentais - superior e inferior. Cada arco possui quatro dentes incisivos, dois caninos, quatro pré-molares e seis molares.

Assim divididos por exercerem funções diferenciadas, os incisivos, localizados na frente, cortam os alimentos; os caninos, dispostos lateralmente, o perfuram e rasgam; os pré-molares e molares, localizados no fundo da boca, o trituram.

Embora detentores de formas diferentes, estruturalmente todos os dentes possuem uma parte visível, chamada coroa, e uma não visível, inserida no osso do maxilar chamada raiz que varia quantitativamente conforme o dente a que pertence. Dentes incisivos, caninos e alguns pré-molares possuem uma raiz. Dentes molares podem possuir duas ou três raízes.

Internamente, cada dente é formado por três camadas. Do exterior para o interior, são elas: esmalte - camada extremamente resistente, formada por fosfato de cálcio -, dentina - apresenta composição semelhante ao osso -, e polpa - rica em vasos sanguíneos e nervos é formada por tecido conjuntivo frouxo.

Por encontrarem-se, ora recônditos, invisíveis, abrigados pela carne, músculos e pele que os protegem, ora expostos, manifestos aos mais diferentes olhares, os dentes hesitam entre o interior e o exterior do corpo humano, podendo revelar-se em momentos de arrebatamento, sejam estes causados por sentimentos benfazejos e de alegria, sejam causados por sentimentos violentos, ligados à raiva ou a um grau elevado de hostilidade. Vinculados a estes últimos ou a circunstâncias de muito medo, dor ou nervosismo, os dentes podem ranger, ou seja, podem manifestar estas disposições emocionais

através do movimento involuntário, no qual as arcadas superior e inferior entram em atrito.

Por estarem visíveis ou ficarem audíveis devido às circunstâncias apontadas acima e por serem necessários para a correta realização do procedimento de alimentação, simbolicamente são associados à agressividade, energia vital, saúde e beleza.

Os dentes simbolizam a força de mastigação, a agressividade devida aos apetites dos desejos materiais. (Bachelard in Dies, 1966, p. 176 in Chevalier e Gheerbrant, 2002, p.330.)

Tais associações não ocorrem somente em relação à espécie humana. Elas se estendem para as espécies animais.

Da Beleza dos Dentes

Qualidade em constante transformação, a beleza, como bem sabemos, é variável e concernente à cultura e ao período histórico à que pertence. Deste modo, o padrão de beleza estabelecido para os dentes nem sempre resultou dos critérios contemporâneos que se baseiam nos seguintes quesitos: dimensões homogêneas, ausência de intervalos, alinhamento e brancura. Hoje, toda uma gama de tratamentos é oferecida para se adequar a dentição a esse padrão.

A variação dos critérios empregados para determinar a beleza dos dentes pode ser elucidada, por exemplo, pela utilização de métodos que são empregados com a finalidade de macular a brancura destes. Conforme Desmond Morris, no livro *A Mulher Nua*, durante o período Elisabetano (1558 - 1603) foi moda escurecer os dentes. A prática que nasceu em decorrência da má saúde bucal da rainha Elizabeth I, que possuía muitas cáries, devido ao alto consumo de açúcar, se alastrou e conquistou adeptos em todas as classes sociais.

Ainda segundo o autor, no Japão do século XVII as mulheres pintavam os dentes de preto com uma substância obtida da mistura de chá ou saquê com limalha de ferro. Tal prática, que se estendeu até o século XIX, era chamada Ohaguro - dentes pretos. O intuito de pintar os dentes era, a princípio, de evidenciar o estado civil das mulheres casadas.

Diferentemente do que ocorria na Inglaterra, o pigmento preparado pelos japoneses protegia os dentes contra as cáries. Como o preparado não produzia uma tintura durável, para que a tonalidade do preto mantivesse toda a sua intensidade, era necessário que sua aplicação fosse repetida quase que diariamente.

Outra técnica empregada para enegrecer os dentes era mascar a chamada 'Noz de Betel'. Utilizada pelas mulheres do sudeste asiático a substância a ser mascarada era feita da seguinte forma: embrulhava-se um pedaço de noz de Areca em uma folha de Betel. A contínua mastigação avermelhava os lábios e pretejava os dentes.

Ao enegrecer dentes saudáveis, os humanos distinguem sua arcada dentária da arcada das outras espécies. Pretos que substituem os brancos dão à cavidade bucal a aparência de oco.

Dos Dentes Humanos e Animais

Por muito tempo, o fato dos dentes de alguns animais serem mais fortes dos que o dos humanos despertou nestes, tanto o temor, como o desejo de possuí-los. Ambos, temor e desejo de posse, originavam-se na potência de dilacerar, despedaçar, destroçar que os dentes destes animais possuíam.

Para suprir o desejo de posse, que num primeiro momento não ocorria por questões puramente estéticas, mas sim, mágicas e sagradas, os homens começaram a utilizar os dentes destes animais na forma de adornos corporais presos às roupas ou aos cabelos, sobrepostos a pele ou nela inseridos.

Prática amplamente utilizada pelas sociedades ancestrais e pelos xamãs, o propósito de utilizar tais adornos estava em adquirir com eles as características e faculdades do animal ao qual pertenciam. Por exemplo, ao utilizar o dente de uma onça pintada, o indivíduo adquiria a força e a precisão de ação deste animal.

Dentro deste sistema, a parte representa o todo. Não importa se a parte em questão está materialmente morta. Mesmo desvinculada fisicamente do organismo ao qual pertencia, ela - a parte - continua possuindo, não apenas as características corpóreas do respectivo organismo, como também suas potencialidades imateriais. E, para além disso, a parte retirada do corpo

mantém, cristaliza em si, o vigor que o ser que a possuía tinha no momento de sua desvinculação.

Elementos adequados a essa prática são aqueles cuja materialidade não é afetada pela decomposição do corpo, ou seja: ossos, dentes, cabelos.

Dentre estes o dente possui a atribuição de ser 'um instrumento de tomada de posse, tendendo à assimilação: é a mó que esmaga para fornecer um alimento ao desejo.' (Chevalier e Gheerbrant, 2002, p.330.)

Diferentemente dos ossos e dos cabelos, os dentes, através da mastigação, possibilitam que o indivíduo absorva o que o alimenta, o que, até então, lhe é exterior. Sua atribuição de dilacerar, destroçar o que é inteiro faz com que este desapareça, se decomponha, se fragmente em pedaços e, ao adquirir esta nova configuração, possa ser digerido, acrescido ao corpo cujo dente realizou tal ação.

Deste modo, o dente, tanto pode propiciar a assimilação, por parte do indivíduo a quem pertence, de substâncias materiais por ele processadas durante a mastigação, como também, pode, ele próprio - objeto detentor das características e potencialidades do ser a quem pertence, assim como os ossos e os cabelos -, servir como matriz das faculdades imateriais a serem assimiladas pelo indivíduo que o adotou.

Para exemplificar este último processo, nos utilizaremos de uma das histórias que compõem a mitologia grega, a do herói tebano Cadmo. Embora os dentes apresentados pela história não pertençam à espécie humana, mas sim a um dos animais fabulosos que transitam neste ambiente, o dragão/serpente, o mito transmitirá de forma clara a utilização dos dentes como matrizes detentoras e dispersoras das potencialidades do ser a quem pertence.

Cadmo era um dos filhos de Agenor, rei da Fenícia. Quando sua irmã Europa foi raptada por Zeus, Agenor, sem saber quem a tinha arrebatado, ordenou a seus três filhos mais velhos que fossem à procura da irmã e que só voltassem pra casa com ela. Ao perceber a impossibilidade de cumprir a missão e sem poder retornar para o local de origem, cada um dos três filhos fundou uma nova colônia. Cadmo, instruído pelo Oráculo de Delfos deveria seguir uma novilha e estabelecer sua cidade no local escolhido por ela para descansar. Como forma de agradecer a realização da profecia, o herói intenta realizar uma oferenda a

Atená. Para tal, manda seus companheiros buscarem água. A fonte próxima, consagrada ao deus Ares é guardada por um furioso dragão/serpente que mata todos os enviados por Cadmo. Este, intrigado pela demora de seus companheiros, chega à fonte, vê a matança que lá aconteceu e imediatamente vinga a morte dos seus eliminado o dragão/serpente. Assim que o mostro é extinto, Cadmo recebe a seguinte ordem de Atená: arrancar e semear na terra os dentes do dragão/serpente.

Nas palavras de Ovídio, a tal serpente, além de possuir escamas de ferro e couro duro, tinha a seguinte aparência:

Considerada sagrada por Marte. Sua cabeça era dourada,
Seus olhos, flamejantes, e seu corpo inflado de veneno;
Três línguas com ferrões ela tinha, e três carreiras de dentes. (Ovídio,
2003, p.54)

Logo após executar a semeadura, Cadmo vê brotar da terra homens armados e ameaçadores. Estes receberam o nome de *Spartói*, os “Semeados”.

Cadmo obedeceu; abriu profundos sulcos no solo
E neles lançou os dentes do monstro. Acredita?
A terra se abriu, e os brotos
Começaram a crescer, e saltavam da terra
E aí apareciam, de um lado, plumas coloridas, e capacetes,
Ombros de homens, braços carregando armas,
Armaduras dos guerreiros.
Do outro lado, surgiam da terra primeiro os pés,
depois os joelhos, as cinturas, os corpos,
E finalmente os rostos de todo aquele povo. (Ovídio, 2003, p.55)

Ao vê-los germinados Cadmo joga algumas pedras no meio deles. Sem saber quem as atirou eles se acusam mutuamente e se matam. Apenas cinco sobrevivem. Eles, juntamente com Cadmo, formam o núcleo da aristocracia tebana.

Os dentes do dragão/serpente, por serem partes integrantes do corpo deste, disseminaram as faculdades que lhe eram próprias. Germinados por estes, os “semeados” assimilaram as características identificadoras do monstro - ferocidade, brutalidade, selvageria. Tal assimilação se faz explícita, não somente pela atitude dos guerreiros brotados, como também, pelos envoltórios e acessórios que portam mesmo antes de romperem a terra.

Os dentes do Dragão representam a agressividade da perversão dominadora: a mastigação devorante. Da sementeira dos dentes do Dragão nascem os homens de ferro, os homens de alma endurecida, os quais, julgando-se predestinados ao poder, não cessam de combater-se uns aos outros a fim de satisfazerem as suas ambições. (Bachelard in Dies, 1966, p. 176 in Chevalier e Gheerbrant, 2002, p.330.)

É interessante notar que a característica imaterial, assimilada do dragão/serpente pelos 'semeados', apresentada como 'os homens de ferro, os homens de alma endurecida' aparece, em Ovídio, materialmente, tanto como originária do corpo do monstro - escamas de ferro e couro duro -, como revestindo o corpo dos guerreiros - capacetes, armas, armaduras.

Característica incorpórea, invisível ao olhar, pertencente ao interno, ao íntimo, ao recôndito, convertida em invólucros físicos - próprios do corpo ou a ele sobrepostos - ostensivamente expostos.

Da Utilização dos Dentes - Joias Contemporâneas feitas por Polly van der Glas

Em 2005, a designer de joias, australiana, Polly van der Glas, deu início a uma linha de joias nas quais as peças têm como matéria-prima, além de metais preciosos como prata e ouro, dois dos elementos pertencentes ao corpo humano: cabelos e dentes.

Enquanto os cabelos foram bastante utilizados pelas sociedades ocidentais, principalmente em dois períodos: na Idade Média (séculos V - XV) e na Era Vitoriana (1837-1901), os dentes, em sua grande maioria, mantiveram-se reclusos nos relicários cristãos.

Fazendo um breve resumo, na Idade Média, tanto as joias-relicário, como os relicários de mesa, que continham em seu interior parte do corpo de um santo ou das roupas por ele usadas ou ainda, quando estes tinham sido torturados, pedaços dos instrumentos utilizados na sua tortura, foram bastante difundidos. Aproximar-se de uma relíquia assegurava, ao fiel, proteção. Possuir uma relíquia garantia, a ele, constante proteção.

'As relíquias são consideradas na terra como parcelas duras da eternidade.'
(Schimitt, 2007. p. 286.).

Na era vitoriana, o componente mais utilizado para confeccionar, tanto joias de luto e pequenos quadros que serviam de lembrança *post-mortem*, como joias de compromisso ou amizade, era o cabelo proveniente não mais de corpos santos, mas sim de corpos de indivíduos comuns. Neste período a necessidade de manter viva a lembrança do morto estava atada à sua presença física.

O desejo em elaborar um vínculo direto com o morto ocorria de maneira efetiva através dos restos mortais e também por intermédio das lembranças relicárias: a conservação de mechas de cabelo, dentes, vestes ou objetos de uso pessoal. (Schmitt, 2010. p. 172.).

Ao observarmos a galeria de joias confeccionadas por Polly van der Glas percebemos que ela faz uma inversão quantitativa em relação ao uso destes elementos. Dos adornos, por ela apresentados, a maioria é feita com dentes. A designer relata que seu interesse em trabalhar com estes dois elementos está relacionado ao fato de que ambos protagonizam a seguinte situação: quando vivos, ocupam lugares relevantes na construção do padrão de beleza atual; quando mortos causam repulsa e asco. Ao explorar esta drástica mudança de valores, van der Glas, busca desestabilizar e questionar algumas das ideias atuais de beleza.

Fazendo um parêntese, é importante notarmos que a circunstância contemporânea aqui explicitada difere-se das anteriormente citadas, nas quais cabelos e dentes, assim como todos os componentes do corpo eram reverenciados como elementos detentores de propriedades ligadas à magia ou ao sagrado. Destituídos destes atributos ambos, conforme assinalado pela designer, quando separados do corpo a que pertencem, passam a despertar sentimentos de aversão, repugnância.

O ato de associar componentes corpóreos a estes sentimentos está relacionado ao caráter a-religioso do homem contemporâneo. Para nossos ancestrais mais longínquos, elementos corporais e atos fisiológicos vinculavam-se ao sagrado.

Conforme aponta Mircea Eliade, em ‘O sagrado e o profano’, embora o homem atual tenha desacralizado, tanto a natureza, como a si próprio, ele é herdeiro do *homo religiosus* e, como tal, não consegue desvincular-se totalmente do patrimônio que lhe foi deixado.

Em outras palavras, o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos. Faça o que fizer, é um herdeiro. Não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele próprio é produto desse passado. (Eliade, 2001, p.166).

Desta forma, para além de provocar no homem contemporâneo, pertencente à sociedade ocidental, tais sensações, o ato de estar diante de elementos desvinculados do corpo os remete a uma região pouco acessível, na qual são geradas percepções difíceis de serem definidas.

Voltando às peças confeccionadas por Van der Glas, ela também informa que todo material orgânico utilizado em suas joias é esterilizado. Quanto a este ponto vale lembrar que o ato de esterilizar, para além de exterminar os germes, tem a função de tornar o objeto alvo de sua ação, árido, improfícuo, insípido, infértil. Elementos infecundos não dão existência, não originam, não transmitem suas potencialidades. Deste modo, seja pela condição presente a-religiosa, seja pela ação de esterilizar as matérias-primas, as joias feitas por van der Glas não se encaixam na categoria dos adornos que se relacionam com a magia e com o sagrado.

Diferentemente dos cabelos que são periodicamente cortados, os dentes, com exceção dos de leite, só são extraídos quando apresentam alguma questão séria relacionada à saúde ou quando são alvos de acontecimentos violentos. Fora estes motivos, até recentemente, para dar início ao procedimento, realizado por dentistas, de padronizar e adequar a arcada dentária ao modelo de beleza instituído através do uso de aparelho ortodôntico fixo, dentes saudáveis eram deliberadamente extraídos.

De modo geral, em nossa sociedade, dentes que não se encontram ligados ao organismo de origem evocam, em seus observadores, a sensação de dor e são associados a ações violentas.

Matéria-prima de difícil obtenção, conforme a designer, cada dente possui desenho e relevo próprios. Seu perfil, suas dimensões, saliências e reentrâncias os configuram naturalmente como peças únicas. Além da singularidade assegurada por seu feitio inato, que decorre de maneira espontânea, intervenções humanas com finalidades curativas e/ou estéticas

também podem influir na unicidade formal dos dentes. Unicidade esta que, como vimos anteriormente, também é empregada quando da guarda das potencialidades dos indivíduos a quem pertenciam.

Material que preserva a singularidade formal em cada unidade. Material que resguarda as características particulares de cada ser.

Toda a matéria-prima de origem orgânica utilizada na feitura dos anéis, pingentes e brincos, chega até a designer por meio de doações que são feitas através de seu site. Desta forma, não existe necessariamente um vínculo entre o indivíduo cujo corpo forneceu a matéria-prima, o doador da referida matéria e o usuário da peça. Tal fato cria um hiato entre este modo de proceder e os anteriormente descritos.

A falta de um elo que ligue estes personagens retira do adorno, produzido pela designer, o propósito de manter viva na memória a presença daquele a quem o elemento corporal pertencia e, também, afasta a intenção de obter, através do uso do adorno, as qualidades e potencialidades do ser que forneceu tais elementos.

Propósitos e modos de fazer diversos que geram, na contemporaneidade, objetos assépticos e cavos. Livres de elementos nocivos à saúde, ociosas potencialidades e características particulares.

Referências

BRANDÃO, J. S. Dicionário Mítico - Etimológico. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. Mitologia Grega vol. III. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORRIS, Desmond. A Mulher Nua. São Paulo: Globo, 2005. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/desmond-morris-a-mulher-nua.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016

OVÍDIO. Metamorfoses. São Paulo: Madras, 2003.

SCHIMITT, Jean-Claude. O Corpo das Imagens. Bauru: EDUSC, 2007.

SCHIMITT, J. Mortes Vitorianas. São Paulo: Alameda, 2010.

SIMMEL, G. *Filosofia da Moda*. Lisboa: Texto & Grafia, 2014.

VAN DER GLAS, P. In VAN DER GLAS. Disponível no site:
<<http://vanderklas.com.au/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.